



**SOLLEMNITAS  
SANCTÆ CLARÆ ASSISIENSIS  
2018**

Litteræ Ministri Generalis Ordinis Fratrum Minorum

# DISCERNIMENTO:

## purificação do *olhar,* do *coração,* da *vontade*



Caríssimas irmãs,

O Senhor nos dê sua Paz!

No ano passado, propus reflexões e temas para avaliar sugeridos por palavras que focalizaram nosso caminho de Frades Menores rumo ao Conselho Plenário, celebrado em junho passado, em Nairóbi: escutar, discernir e agir.

Neste ano, desejo ater-me especialmente na segunda palavra. Desejo colher, no exemplo e nas palavras de Clara, algum elemento útil para desenvolver a capacidade de discernir que leve a qualificar sempre mais nossa vida, fazendo com que seja resposta fiel e alegre ao chamado de Deus neste tempo e no espaço no qual cada um habita.

Adotados por Deus como filhos no Filho Jesus morto e ressuscitado, rezamos desde o Batismo: “Pai nosso, *seja feita a tua vontade*”. A única possível e verdadeira modalidade de existir é a do discernimento, pois, como Francisco diz: « Desde que abandonamos o mundo, não temos outra coisa a fazer a não ser sermos solícitos em seguir a vontade do Senhor e agradar apenas a Ele » (*Rnb XXII, 9*). Clara, por sua vez, « esforçava-se, tanto quanto lhe era possível, em agradar a Deus » (*PCCL 8,3*).

Percorrendo as fontes clarianas, especialmente suas cartas, percebo que Clara vive e propõe o discernimento como percurso de purificação: purificação do olhar, do coração, da vontade.

### PURIFICAÇÃO DO OLHAR

O ponto de partida é a realidade em que nos encontramos; melhor ainda, é a realidade que ‘somos’, que cada um de nós é, por natureza e por graça. Não raramente, fazemos a experiência de perceber de forma distorcida a realidade em nós e ao nosso redor. Pré-compreensões e preconceitos de todo e qualquer gênero podem alterar a leitura daquilo que acontece em nosso íntimo ou em nossa comunidade, na Igreja, na sociedade... Não é este, talvez, um primeiro fator de muitas incompreensões, de mal-entendidos, de relações conflituosas?

Purificar o olhar para ‘ver’ bem: ver como Deus nos vê, ver sem filtros deformantes. Como Inês de Praga, Clara recorda hoje a vós, a todos nós, que apenas nos assemelhando a Jesus, fazendo nosso o seu próprio olhar, podemos ‘ver’ a realidade na verdade, para além das mudanças produzidas pelo pecado em todas as suas formas: « Porque Ele é o esplendor da glória, a pureza da luz eterna e o espelho sem mancha, por isso olha cada dia esse espelho, ó rainha esposa de Jesus Cristo, e nele perscruta continuamente teu rosto » (*4CCL 14-15*); pois certamente « em tua luz vemos a luz » (*Sl 36 (35),10*).

Clara havia iniciado a experiência da purificação do olhar quando Francisco – conta a Legenda – « a exortava ao desprezo do mundo, demonstrando-lhe, com uma palavra viva, que a esperança neste mundo é árida e leva à desilusão, e lhe instilava nos ouvidos o

doce conúbio de Cristo » (*LCL* 5). Realmente Clara compreendeu bem, ao escrever para Inês de Praga: « Deixai completamente de lado todas as coisas que, neste mundo enganador e inquieto, prendem nos laços seus cegos amantes; ama, com tudo o que és, aquele que todo se doou por teu amor ». Há um engano fundamental, ‘original’, pelo qual o ‘mundo’, compreendido como visão da realidade em oposição àquela de Deus, aparece atraente e de fato é mortífero, parece oferecer felicidade mas faz escravos e rouba alegria e vitalidade. Na terceira carta a Inês, Clara usa expressões muito fortes a esse respeito: « Seguindo suas pegadas, especialmente aquelas da humildade e pobreza, sem dúvida o podes sempre carregar espiritualmente em teu corpo casto e virginal, contendo aquele do qual tu e todas as coisas são contidas, possuindo o que se possui de forma mais segura do que as outras posses transitórias deste mundo. Nisso, às vezes, se enganam reis e rainhas deste mundo: mesmo que a sua soberba se elevasse até o céu e a sua cabeça tocasse as nuvens, no fim são reduzidos como esterco » (*3CCL*, 25-28). A comunhão com o Senhor Jesus, vivida no dom de si, garante contra o risco da ‘cegueira’ espiritual. Só o olhar purificado, nos ensina Francisco, sabe ver Deus em todas as coisas. Clara quis formar nas Irmãs esse mesmo olhar, do qual brota o louvor: « Quando essa santíssima mãe mandava as Irmãs servidoras para fora do mosteiro, admoestava-as que, quando vissem as árvores belas, floridas e frondosas, louvassem Deus; e, de modo semelhante, quando vissem os homens e outras criaturas, sempre louvassem Deus em tudo e em todas as coisas » (*PCCL* 14,9). Ver a realidade como Deus a vê é o primeiro passo para distinguir os traços nas sendas do Reino.

## PURIFICAÇÃO DO CORAÇÃO

Se o olhar puro lê a realidade na verdade de Deus, é o coração que a julga, a avalia, a interpreta. O discernimento como ‘juízo’ é o

passo sucessivo em que a realidade é colocada frente a frente com os valores que sustentam e orientam o caminho da existência.

Conforme o testemunho de Bona de Guelfuccio, Francisco exorta a jovem Clara a cuidar do próprio coração sintonizado-o sobre o coração de Jesus: « Sempre pregava para que ela se convertesse a Jesus Cristo ». Para o cristão, a conversão é o movimento essencial para continuar a viver, como a respiração. Durante sua existência, Clara conhece com que facilidade o coração se endurece, se distrai, se confunde; por isso se alegra por ver Inês de Praga «suplantar, em modo terrível e impensado, as astúcias do inimigo astuto, a soberba que é a ruína da natureza humana e a vaidade que enche de vangloria os corações dos homens ». A soberba e a vaidade impedem o reto juízo da realidade, porque fazem convergir a si, não a Deus, e por isso aos outros. Ao contrário, como recordou recentemente o Papa Francisco, « é próprio do Espírito Santo descentralizar-nos de nosso eu e abrir-nos ao “nós” da comunidade: receber para dar. Não somos nós o centro: somos um instrumento daquele dom para os outros » (*Audiência geral*, 06 de junho de 2018).

O coração é custodiado se for confiado ao Senhor, num quotidiano movimento de entrega: « Põe tua mente no espelho da eternidade, põe tua alma no esplendor da glória e teu coração na figura da substância divina e transforma-te toda, pela contemplação, na imagem da própria divindade, a fim de sentires, também tu, o que sentem os amigos, degustando a doçura escondida que o próprio Deus, desde o início, reservou aos seus amantes » (*3CCL* 12-14).

O autêntico discernimento exige que se afine o gosto pelas coisas de Deus, sabendo reconhecer o perfume e o sabor do Evangelho no que acontece, nas pessoas que encontramos, nas irmãs com as quais vivemos, como também em quem habita outras latitudes. Numa forma e com

intensidade toda especial, é confiado a vós, irmãs, esse exercício de contemplação, graças ao qual o juízo amadurece e torna-se virtude da discricção. Clara é verdadeira mestra de discricção: situação real, valores professados, fim último dialogam juntos, sem indulgências mistificantes e compromissos de acomodação. « Porque a nossa carne não é carne de bronze, nem a nossa força é a força da pedra, mas ao contrário, somos frágeis e propensos a toda fraqueza do corpo, eu te peço, caríssima, e imploro no Senhor que te abstenhas, com sabedoria e discricção, de qualquer indiscreta e impossível austeridade na abstinência, que eu soube tu teres empreendido, a fim de que, vivendo, louve o Senhor e que teu culto seja racional e teu sacrifício esteja sempre temperado com grão de sal » (3CCL 38-41).

## PURIFICAÇÃO DA VONTADE

O processo de discernimento é orientado a sentir-nos interpelados pela palavra de Deus para viver em obediência a Ele, na verdade com o objetivo de habitar a história de maneira evangélica, seguindo as pegadas de Jesus, a fim de que cresça o Reino de Deus no mundo. Nossos projetos são bons se não forem ‘apenas nossos’, se germinam como da raiz, da disponibilidade de colaborar com todo nosso ser na obra que Deus está cumprindo.

É bom, é para escolher, então, o que nos mantém unidos ao Senhor, é da rejeitar o que nos separa dele. Clara pode rejeitar a oferta do Papa Gregório IX – ser liberada do

vínculo com a altíssima pobreza para acolher as posses oferecidas por ele mesmo – e declarar com simplicidade e verdade: « Santo Padre, por nada jamais desejo ser liberada do seguimento de Cristo » (CCL 14). E exorta Inês de Praga, numa situação análoga, a abraçar o pobre Crucificado (Cf. 2CCL 17-18).

Quão preciosa e significativa, pois, é a indicação que tanto Clara como Francisco colocam o selo de suas respectivas “regras”, quase como síntese da inteira *forma vitæ*: « Aplicando-se àquilo que acima de tudo devem desejar: ter o Espírito do Senhor e seu santo modo de operar, suplicar-lhe sempre com o coração puro e ter humildade, paciência na tribulação e na enfermidade, e amar os que nos perseguem, criticam e culpam, porque diz o Senhor: Beatos os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus. Quem perseverar até o fim, esse será salvo » (RCL X,9-13).

À luz dessas palavras, síntese de uma inteira vida, reconhecemos realizado em Clara e por Clara aquilo que o Papa Francisco recorda a todos na Exortação *Gaudete et Exsultate*: « O discernimento [...] é verdadeira saída de nós mesmos rumo ao mistério de Deus, que nos ajuda a viver a missão à qual Deus nos chamou para o bem dos irmãos » (GE 175).

Faço votos, minhas caras pobres damas, que possais viver com muita alegria a comemoração da solenidade de nossa amada irmã e mãe, Santa Clara de Assis. Parabéns!

Roma, 2 de agosto de 2018,  
*Festa do Perdão de Assis*



*Fr. Michael Anthony Perry, ofm*  
Fr. Michael Anthony Perry, ofm  
Ministro geral e servo